



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a aula inaugural por ocasião da instalação do Polo da Universidade Aberta do Brasil, no Instituto Nacional de Educação a Distância-INED

Maputo-Moçambique, 09 de novembro de 2010

Bem, eu quero, primeiro, dizer aos nossos queridos representantes do governo de Moçambique, aos ministros de Moçambique, aos nossos alunos da Universidade Aberta que estão aqui em Maputo, aos ministros brasileiros, da minha alegria de estar retornando, aqui, pela terceira vez a Moçambique. Possivelmente, eu tenha vindo a Moçambique mais do que o somatório de todos os outros presidentes do Brasil, que vieram muito pouco a Moçambique.

Quero cumprimentar o companheiro professor Venâncio Massingue, ministro da Ciência e Tecnologia de Moçambique,

Quero cumprimentar o companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,

Quero cumprimentar a senhora Lucília Nota Hama, governadora da cidade de Maputo,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro governador do estado do Ceará, Cid Gomes,

Quero cumprimentar o senador, companheiro Crivella, que está aqui presente,

Quero cumprimentar os embaixadores que estão aqui,

Os magníficos reitores das universidades de Moçambique e do Brasil,

Quero cumprimentar o companheiro Jorge Guimarães, presidente da Capes,

Quero cumprimentar o companheiro Carlos, que acabou de falar aqui – secretário Nacional de Educação a Distância,

E cumprimentar o senhor Antônio Domingues Frank, diretor do Instituto



Nacional de Ensino a Distância de Moçambique,

Cumprimentar todos os companheiros que estão aqui, os estudantes de Maputo, os estudantes de Lichinga e os estudantes de Beira.

Meus companheiros e companheiras,

A nossa conversa vai se dar em dois momentos: um, lendo meu roteirinho que está aqui, e o outro, dando um pouco das minhas emoções de voltar a Moçambique mais uma vez.

Nenhum tema é tão capaz de unir e transformar um país quanto a Educação. É por isso que o dia de hoje se reveste de grande significado para Moçambique e para o Brasil. Estamos dando um passo vigoroso para a cooperação entre nossos países, cujo alcance, talvez, não possamos sequer imaginar com precisão neste momento.

Hoje, com o lançamento dos primeiros polos moçambicanos da Universidade Aberta do Brasil, estamos dando um passo firme em direção a um maior aprofundamento da cooperação entre nossos países. Nada é mais urgente do que a capacitação de moçambicanos e brasileiros para construir sociedades cada vez mais democráticas e prósperas, e, assim, firmar nossa presença soberana no mundo.

Isso só será possível com a melhoria da Educação em nossos países. A Universidade Aberta parte dessa premissa e persegue esse objetivo. Sua implantação no Brasil nasceu da convicção de que, ao fortalecer a Educação, amplia-se a capacidade de dar respostas para os demais problemas do nosso país. A Universidade Aberta constitui extraordinário instrumento em favor de um ensino público transformador. Ela permite levar o ensino superior a locais onde é difícil instalar universidades tradicionais. Ela é, sobretudo, instrumento de democratização do acesso ao ensino superior.

Hoje, no Brasil, são quase 600 polos, em todos os 27 estados brasileiros, estabelecidos em parcerias com universidades públicas



reconhecidas pela excelência do ensino que oferecem ao nosso povo. Os estudantes contam com infraestrutura de laboratórios e bibliotecas, além da assistência de professores e tutores treinados nas ferramentas de Educação a distância. A infraestrutura de informática permite aos estudantes interagir com professores, mesmo quando esses estão a centenas ou milhares de quilômetros de distância.

Essas ferramentas estarão, a partir de agora, à disposição dos alunos moçambicanos, que poderão interagir com seus professores da mesma forma que os estudantes de Lichinga e da Beira podem nos acompanhar agora, aqui na cidade de Maputo.

Os três primeiros polos da UAB de Moçambique oferecerão os cursos de Biologia, Matemática, Pedagogia e Administração Pública. Neles, uma equipe de especialistas brasileiros trabalhou, junto com educadores moçambicanos, para adaptar a linguagem do material didático e dos professores, de modo a tornar os cursos oferecidos adequados à realidade local.

Até 2014... até 2014 ou até 2011, Secretário? Ou até 2012? Nós vamos sair de três para nove cursos... para nove polos?

_____ : (incompreensível), provavelmente 2012 (incompreensível).

Presidente: Então, no ano que vem nós sairemos de três para sete e, possivelmente, em 2012 estaremos com nove polos em funcionamento, o que permitirá acreditarmos e dizer para vocês... tornar o sonho realidade, de termos 7.290 alunos estudando na Universidade Aberta de Moçambique.

Meus amigos e minhas amigas,

A promoção do intercâmbio educacional é elemento catalisador da criatividade dos povos. Com a Universidade Aberta ofereceremos às nossas sociedades as portas de um futuro de realizações conjuntas. Na era da informática, dos bancos de dados, do correio eletrônico e da televisão digital,



devemos explorar plenamente o potencial oferecido pela adoção de meios de comunicação que aproximem nossos povos.

A pobreza e a riqueza das nações não se medem apenas pela pujança econômica. Aos números do Produto Interno Bruto devem somar-se os índices de qualidade de vida, Saúde e Educação de um povo. O conhecimento e a informação são cada vez mais importantes para o aprimoramento espiritual da Humanidade, mas também para viabilizar o progresso econômico e o bem-estar dos povos.

Meus amigos e minhas amigas,

Terminado o meu ritual institucional, eu queria – já que estão faltando menos de dois meses para eu deixar a Presidência da República do Brasil e, portanto, eu vou sentir saudade dos microfones, de poder falar diretamente com o povo de Moçambique, através dos alunos da escola em Maputo, em Lichinga e na Beira.

Dizer para vocês que o dia de hoje é a concretização de um sonho de alguns anos atrás. Vocês sabem que nessa coisa de política internacional os sonhos são mais demorados do que na nossa relação familiar ou na nossa relação interna de cada estado e de cada país. Porque, muitas vezes, as coisas demoram mais do que a gente gostaria que demorassem.

Quando nós instituímos a universidade aberta no Brasil, que foi uma possibilidade extraordinária de levar a universidade a cidades pequenas, às pessoas que não tinham mais esperança de ir para uma universidade, a primeira coisa que eu pedi ao meu ministro Fernando Haddad era que nós discutíssemos a possibilidade, junto com os nossos especialistas, de trazermos a universidade aberta para os países africanos, a começar pelos países de língua portuguesa. Porque, dando certo, nós iríamos mostrar aos governos de outros países, como França e Inglaterra, sobretudo, que tem muitos países na África que falam inglês e francês, que eles também pudessem introduzir nos países de língua inglesa e de língua francesa a universidade aberta. E nós



precisaríamos construir o modelo para provar que é possível as coisas darem certo.

No Brasil, pelo menos no meu governo, nós temos o hábito de debater um pouco mais que outros lugares. Nós não gostamos de fazer a coisa de cima para baixo, ou seja, um professor pensa e tenta introduzir imediatamente o que ele pensou numa sala de aula. Não. O que nós queremos é construir conjuntamente um modelo de universidade, um modelo de ensino e um modelo de aprendizagem que possa ser mais versátil e, além de versátil, ser mais motivador, para que as pessoas venham para a escola de forma prazerosa, com vontade de aprender, e com a certeza de que aquele aprendizado vai lhe permitir ter a possibilidade de um emprego ou da prestação de um serviço público ou privado que possa lhe dar condições de cuidar mais e melhor da sua família. Se não houver essa perspectiva, as pessoas se sentem mais desmotivadas.

Eu comentava com o meu ministro das Relações Exteriores que nós temos um diplomata brasileiro, Cid, muito competente, que é o nosso companheiro Samuel Pinheiro Guimarães, que ele, um dia, reuniu os filhos dele para discutir a situação dos filhos, e ele perguntou para os filhos dele: “Vocês querem ganhar dinheiro? Vocês querem viver bem? Vocês querem ganhar bem? Vamos discutir as possibilidades. Uma possibilidade é roubar. Roubar é muito perigoso, você pode ser preso, você pode ser morto. Então, é improvável que roubar seja uma saída. Mas tem outra possibilidade: casar com uma mulher rica”. Ele dizia: “É pouco provável, porque os pais das mulheres ricas estão muito zelosos, não estão permitindo que elas se casem com qualquer um. A outra possibilidade é ganhar na loteria. Mas, também, todo mundo sabe que milhões jogam e apenas um ganha”. Esses dias, um cearense ganhou sozinho na Mega-Sena do Brasil. Então, só existe uma possibilidade: é estudar. Só existe uma possibilidade: é estudar, com a convicção de que somente o estudo é que pode garantir às pessoas, independentemente da religião ou da



origem social, a igualdade de oportunidades, de disputar o mesmo emprego, de disputar o melhor salário e de disputar as melhores coisas que se apresentam num país.

Foi pensando nisso que nós resolvemos, no Brasil, fazer uma pequena revolução na Educação brasileira, e eu quero dizer isso aos companheiros da Beira, aos companheiros de Lichinga e aos companheiros de Maputo, e quero dizer aos ministros que estão aqui. Quis a história que o Brasil tivesse, pela primeira vez, um presidente que não tem diploma universitário e um vice-presidente que não tem diploma universitário também. Ora, tanto o Zé Alencar quanto eu gostaríamos muito de ter um diploma universitário. Eu, por exemplo, gostaria de ser professor de História que nem o Marco Aurélio, para ser chamado de contador de histórias. Ou eu gostaria de ser economista. Economista é fantástico porque economista, sobretudo quando é de oposição, ele sabe tudo. Quando chega ao governo, que tem que fazer, já não sabe tanto quanto sabia. Quem é que não gostaria de ser advogado, grandes discursos? E ainda vem no adesivo do carro “qualquer problema, procure um advogado”. É como se fosse uma representação de Deus, de tanto poder.

Mas eu fui apenas torneiro mecânico e o Zé Alencar virou empresário. E vejam que engraçado: depois de oito anos nós vamos terminar o nosso mandato, e nós seremos o presidente e o vice-presidente que mais fizeram universidades federais na história do Brasil, que mais fizeram escolas técnicas na história do Brasil e que mais criaram oportunidades de estudantes entrarem nas escolas.

Vou dar três exemplos para vocês. O Brasil, em cem anos, construiu 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, estamos inaugurando 214 escolas técnicas. Nós estamos inaugurando 14 universidades federais novas e 126 campi avançados, levando braços da universidade para todo o interior do país, para que os jovens não tenham que sair do interior para ir para a capital. Nós criamos um programa chamado ProUni, que foi um acordo que fizemos com as



universidades privadas, onde nós fizemos um abatimento no imposto que eles não pagavam, e transformamos o equivalente ao imposto em bolsas de estudo. Nesse momento, já passaram pelo ProUni 748 mil alunos, e eu tive o prazer de participar da primeira turma de alunos formados médicos pelo ProUni. No ProUni há uma coisa interessante: só podem entrar jovens da escola pública e pobres da periferia, e 40% dos estudantes são negros – meninos e meninas negras – da periferia do Brasil.

Além disso, nós fizemos um pacto com os reitores e criamos o Reuni. O Reuni... nós passamos um pouquinho mais de dinheiro para os reitores, aumentamos de 12 para 18 a média de alunos por professor, e nós conseguimos, em um ano e meio, sair de uma renovação histórica de 113 mil alunos por ano para, no ano passado, renovar 259 mil alunos, ou seja, mais do que dobramos o número de renovação.

Todos vocês estão convidados para, acho que no dia 10 de dezembro ou quando a minha agenda permitir, ainda este ano, a gente lançar a pedra fundamental da Unilab. A universidade, a Universidade Afro-Brasileira é uma universidade pensada para ter metade de alunos brasileiros, metade de alunos africanos para que a gente possa, no estado do Ceará, na cidade de Redenção, onde foi a primeira cidade a começar a luta pela libertação da escravidão, a gente ter uma universidade para acolher milhares de jovens da África para estudar.

Nós... eu não estou vendo o pessoal da Beira bater palmas e não estou vendo nem o pessoal de Lichinga bater palmas. Ou eles não estão nos ouvido... estão (incompreensível)... não, aqui é Maputo, aqui está na minha frente. Não? Pois bem, pois bem. (incompreensível) nós temos uma preocupação com essa universidade, que nós vamos ter que discutir com o Ministério da Educação de Moçambique, com os reitores. Porque nós não queremos repetir o erro de pegar meninos e meninas de Moçambique, levar para o Brasil para estudar, eles chegam lá, arrumam logo uma namorada ou



um namorado brasileiro, se formam e não querem voltar mais. O que nós queremos é que, mesmo ele indo estudar no Brasil, que possa interagir de qualquer forma com o seu país, para que de tempos em tempos ele venha para cá para estudar aqui e para trabalhar aqui, para que ele saiba que quando ele terminar o curso ele tem obrigações para com o povo do seu país e, sobretudo, para com o povo de Moçambique. É assim que a gente quer, porque senão as pessoas vão lá, se formam, e não querem voltar mais. E, para isso, é importante que o governo de Moçambique saiba, que o governo brasileiro saiba que nós temos que criar oportunidades de emprego para esses jovens. Ao aprenderem uma profissão, eles saberem que vão poder ganhar o pão de cada dia trabalhando honestamente e decentemente.

É importante... eu falei da Educação porque a Educação é o único instrumento que a Humanidade conhece que dá igualdade de condições às pessoas. É a Educação que dá igualdade de condições... o que você quer que eu leia aí? Passa para mim o papel. Você está com um papel... isso aqui é que nem um programa de auditório, meu filho. Isso aqui é que nem um programa de auditório. Veja, mas não vamos discutir um problema nosso, interno, aqui em uma aula magna. Eu adoro o nome “magna”, aula magna. Eu já adoro o nome “magnífico reitor”.

Bem, então, companheiros e companheiras, este dia é gratificante para mim, porque este dia é a conclusão de um trabalho que não foi fácil a gente fazê-lo, em um primeiro momento. Quando nós decidimos priorizar a nossa relação com o continente africano e, dentro do continente africano, a gente privilegiar a nossa relação com os países de língua portuguesa, tem algumas razões: a primeira é a dívida histórica que nós temos com a formação do povo brasileiro, que tem muito a ver com o povo do continente africano. Ou seja, o povo brasileiro é o que é, alegre, bonito, gosta de samba, de carnaval, de futebol, tem a cintura mole, tudo isso por causa da nossa miscigenação e dessa mistura extraordinária entre africanos, índios e europeus. Essa, na



verdade, é uma vantagem comparativa que nós deveríamos ter em relação ao restante do mundo, mas como nós tivemos a nossa cabeça colonizada durante séculos, nós aprendemos que somos seres inferiores e que qualquer um que enrola a língua é melhor do que nós. E, muitas vezes, nós não percebemos que, para eles, também nós enrolamos a língua. Agora, o que nós queremos, na verdade, com essa decisão de opção pela África é a gente levantar a cabeça juntos e a gente construir juntos um futuro em que o Sul não seja mais fraco do que o Norte, em que o Sul não seja dependente do Norte, e que nós, se acreditarmos em nós mesmos, nós poderemos ser tão importantes quanto eles; nós poderemos ser tão sabidos quanto eles; nós poderemos produzir tanto quanto eles.

Eu estou aqui com o Presidente da Embrapa. A Embrapa é uma empresa brasileira de tecnologia na área da agricultura e pecuária. Pois bem, o Brasil está aqui provando que um país como o Brasil, que era considerado do Terceiro Mundo, pode ter a empresa mais importante no mundo, no mundo, para tecnologia na agricultura tropical. O Brasil é imbatível em produzir, seja na qualidade, seja quantidade por hectares. O Brasil, graças à Embrapa, é hoje o maior exportador de café, de suco de laranja, de carne de frango, de carne de porco, de carne de vaca... suco de laranja... o segundo ou o terceiro de soja; de etanol, de biodiesel...

Agora, veja que engraçado: quando olha o mapa do mundo, e a gente percebe que tem mais chinês comendo, a gente percebe que tem mais indiano comendo, a gente percebe que tem mais africano comendo, a gente percebe que tem mais brasileiro comendo, que tem mais latino-americano comendo, a gente começa a perceber que o mundo vai precisar de mais alimentos. Ninguém come minério de ferro, ninguém come *chip*, ninguém come telefone celular. Nós comemos comida! E comida é plantada na terra, e precisa de sol e de água. E quem tem mais solo e água do que nós, na América Latina e na África? Quem tem mais terra disponível, terra arável e agricultável?



Nós ainda não exploramos 0,5% do potencial agrícola da savana africana, que tem o mesmo potencial produtivo do cerrado brasileiro. E nós estamos com a Embrapa, pesquisando. Nós podemos, daqui a alguns anos, ver a África sair dessa situação de continente pobre e miserável. E pode o chinês ter mais tecnologia, pode o alemão ter mais tecnologia, mas na hora em que eles quiserem comer têm que falar com vocês. E o cidadão com fome não consegue nem apertar a tecla do celular, não consegue nem ficar brincando no iPod. Então, eles tentam desvalorizar aquilo que nós temos potencial de produzir e supervalorizam o que eles produzem, e nós aceitamos.

Então, eu espero que essa universidade aberta que está sendo criada em Moçambique possa ser mais uma célula de consciência para que a gente não se permita mais ser tratados como se fôssemos inferiores.

Não pensem que o presidente Lula tem muita popularidade porque fica no gabinete lendo jornal e conversando com jornalistas. A minha popularidade é resultado do meu trabalho de viajar, de conversar com o povo, de não ter medo de discutir qualquer assunto, em qualquer momento. Eu acho que a África pode, Moçambique pode, e acho que todo mundo pode levantar a cabeça e tornar o mundo mais justo e mais igual. Isso se dará através da Educação. Sobretudo a juventude, não existe nenhuma possibilidade de um jovem acordar, de manhã, desanimado. Eu posso, que já estou com 65 anos de idade, estou mais próximo de Deus do que da Terra. Eu posso me levantar, de manhã, mal-humorado, sobretudo quando estiver com dor nas costas. Aí já começo a pensar que chegou o fim. Mas um jovem de 20 anos, de 25, de 18 não tem por que se levantar desanimado. Ele tem que acreditar que somente a sua vontade, somente a sua disposição, somente a sua capacidade de acreditar nele próprio é que vai fazer com que ele possa vencer na vida. Porque, também, não existe possibilidade de ninguém, individualmente, ficar dando oportunidades para os outros. É o Estado que tem que dar. Não permito que aqui em Moçambique aconteça o que aconteceu no Brasil nos anos 90, em



que alguma meia dúzia começou a dizer que o problema da Educação seria resolvido pelo mercado: “o mercado vai resolver o problema da Educação”. Quem vai resolver o problema da Educação é o Estado, é o Estado que tem que assumir a responsabilidade, porque é o Estado que é o pai, que é o tutor, que é o filho, que é o irmão, que é a razão da nossa existência, e nós somos a razão da existência do Estado. Essa combinação é que pode permitir que a gente, sem pegar em uma arma, sem ferir um companheiro, a gente possa fazer a mais importante revolução que um ser humano possa fazer: a revolução do progresso, a revolução da distribuição de renda, a revolução do conhecimento, a revolução de garantir a cada homem e a cada mulher do planeta Terra o direito de tomar café, almoçar e jantar todo santo dia, porque sem isso nós não seremos ninguém.

Boa sorte, e muito obrigado ao povo de Moçambique.

(\$211B)